

A Escola da Vida

Pedro Abrantes

A Escola da Vida

Socialização e biografia(s) da classe trabalhadora



LISBOA, 2013

© Pedro Abrantes, 2013

Pedro Abrantes

A Escola da Vida. Socialização e biografia(s) da classe trabalhadora

Primeira edição: junho de 2013

Tiragem: 400 exemplares

ISBN: 978-989-8536-22-8

Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Revisão de texto: Ana Catarina Ramos

Impressão e acabamentos: Europress, Ld.^a

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas,
1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras	ix
Agradecimentos	xi
Introdução	1
<i>Jaime. Sete vidas, sete instrumentos</i>	9
1 Tempos e contratempos	13
(Re)organizando a vida	15
As origens do eu	16
A vida por etapas	19
Eventos-âncora, memória e reflexividade	25
<i>Paula. A força e a densidade dos sonhos</i>	31
2 Da noite para o dia	33
Misérias de infância	33
Classes sociais e orientações culturais	39
Da privação coletiva ao fracasso pessoal	45
<i>Alberto. “Erros meus, má fortuna, amor ardente”</i>	49
3 A sociedade cosida em casa	53
A erosão das famílias como unidade produtiva	54

Laços familiares e reprodução da classe trabalhadora	56
Elas fazem, eles ajudam: tradições que não amam as mulheres.....	62
A família nanocêntrica.....	66
<i>António. O operário tranquilo e moderno que faz o dinheiro</i>	70
4 A luz secular e as suas sombras	73
Onde a escola e a vida se desentendem	76
Entre reprodução e mudança: a escola como a fronteira	84
Incursões na sociedade educativa	90
<i>Carmen. Nos caminhos da globalização neoliberal</i>	93
5 Comunidades iniciáticas	95
Entre o céu e a terra	95
O serviço militar: tornar-se homem	98
A vida moderna treina-se	100
A sociedade dos amigos	104
<i>Vítor e Rui. Levantados do chão pela família ferroviária</i> ...	106
6 Identidades no pão	111
Mutações e variantes do trabalho.....	114
A recomposição da classe trabalhadora	117
Em busca de uma identidade.....	125
<i>Fátima. A emancipação na corda bamba</i>	128
7 Entre a terra e o caleidoscópio	133
Filhos do campo	134
Às portas da cidade: a (sub)urbanização da classe trabalhadora	138
O “idílio rural” como novo projeto urbano	143
<i>Rogério. As mutações do campo no corpo e na alma</i>	145

8	Cidadãos intermitentes	149
	A desconfiança face à política	150
	Brechas geracionais	152
	Ativistas do quotidiano	157
	<i>Alice. Uma primavera de promessas não cumpridas</i>	159
9	Atores plurais e inconscientes de classe	163
	A classe trabalhadora	164
	Trajetórias individuais e coletivas: uma biografia de classe?	168
	Vidas plurais, mas não tanto	173
	Individualização e consciência de classe	178
	<i>Teresa. A dura libertação de uma luta caseira de classes</i> ...	181
10	Referências bibliográficas	185

Índice de figuras

2.1 Saúde, satisfação com a vida e facilidade de obter crédito, segundo a categoria socioprofissional (%)....	40
2.2 Acesso aos <i>media</i> , segundo a categoria socioprofissional (%)	42
2.3 Crenças religiosas e orientações face à diversidade sexual e étnica, segundo a categoria socioprofissional (%).....	43
3.1 Mobilidade intergeracional entre categorias socioprofissionais, em Portugal	59
3.2 Conjugalidade, segundo a categoria socioprofissional.....	62
4.1 Distribuição por categorias socioprofissionais, segundo as habilitações literárias.....	74
4.2 Habilitações literárias, segundo a categoria socioprofissional dos pais.....	75
6.1 Condições de trabalho, segundo a categoria socioprofissional.....	125
8.1 Indicadores de participação política dos portugueses, segundo a categoria socioprofissional (%).....	151
8.2 Confiança dos portugueses em diferentes instituições políticas, segundo a categoria socioprofissional (média)	152

8.3 Partido do qual se sentem mais próximos os portugueses, segundo a categoria socioprofissional (%).....	153
--	-----

Introdução

*Não percebo porque fiz
tudo o que fiz e da maneira como o fiz,
mas começo a conseguir ver
o que essas coisas fizeram de mim.*

[Assistente comercial, 27 anos]

A escola da vida é uma expressão corrente, em Portugal, que designa o processo pelo qual incorporamos saberes, valores e disposições, fora do sistema educativo, os quais se revelam fundamentais para a nossa existência, integração e bem-estar. Em ciências sociais, tendemos a designar este processo como educação informal ou socialização. Mas que conhecimento é este? E como o incorporamos? Apresentará características próprias, entre a classe trabalhadora portuguesa atual, que o distinga de outros tempos, de outras sociedades, de outros segmentos da população?

Durante a última década, centenas de milhares de portugueses produziram as suas histórias de vida, ao longo de meses e com o apoio de profissionais, entrelaçando aprendizagens significativas com factos, paixões, empregos, dramas e convicções, sonhos, estratégias e coincidências, contextos e pessoas marcantes, como o primeiro passo para verem reconhecidas

publicamente as suas competências.¹ Pela primeira vez, o sistema educativo albergou um espaço de valorização e legitimação dos conhecimentos desenvolvidos na escola da vida.

Trata-se de um material imenso, inédito e precioso para aprofundar o conhecimento e a reflexão sobre a sociedade portuguesa contemporânea, no delicado momento em que se encontra. Se, por vezes, se tem afirmado que o país padece de um “excesso de diagnósticos”, também é verdade que estes se têm produzido, com frequência, sem considerar como vivem, trabalham e pensam os setores populares, quantas vezes, reduzidos *a priori* a um conjunto de défices e de “excessos”. Com isto, perde-se o “país real”. Convém lembrar que dois terços da população ativa portuguesa não terminou o ensino secundário, o que contrasta com as restantes sociedades europeias. O facto de ter abrangido quase meio milhão de pessoas e de se ter realizado em mais de trezentos centros, espalhados por todo o país, garante uma diversidade nunca antes alcançada num programa de educação de adultos e, menos ainda, numa iniciativa de recolha de histórias de vida.

Nestas narrativas autobiográficas, encontramos testemunhos originais das vidas de luta e aprendizagem constante, as quais se adaptam às mudanças sociais profundas que têm marcado o país, ao longo da segunda metade do século XX e no início do novo milénio. Contudo, deparamo-nos também com

1 Referimo-nos, principalmente, ao processo de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC), através do qual os adultos podem, por intermédio da formalização e demonstração dos saberes adquiridos ao longo da sua vida, alcançar a equivalência ao ensino básico ou ao ensino secundário. A produção da autobiografia constitui um elemento central neste processo. Embora a sua génese seja anterior, esta modalidade foi enquadrada e ampliada desde 2005, no âmbito do programa Novas Oportunidades. Segundo o *Estado da Educação 2011* (CNE, 2011), entre 2000 e 2010, 319.543 adultos completaram o ensino básico, por meio deste sistema, e 90.098 alcançaram o diploma de equivalência ao ensino secundário. Em 2011 e 2012, este valor continuou a aumentar, pelo qual estimamos que cerca de meio milhão de portugueses o realizaram. É importante esclarecer que a realização da história de vida constituía apenas o primeiro passo na desocultação das competências que deveriam depois ser formalizadas e evidenciadas perante um júri de certificação.

tensões e hiatos que têm assinalado esta *modernidade à portuguesa*, entre normativos e práticas, projetos e tradições, expectativas e condições, instituições e cidadãos, razão e sentimentos... entre a vida da escola e a escola da vida.

Tive o privilégio de dedicar meses da minha vida profissional à análise destas histórias de vida, colocando-as em diálogo com levantamentos estatísticos e estudos sociológicos. Os portefólios são infinitamente complexos e, de início, é a singularidade de cada relato que seduz o leitor e assusta o sociólogo. Porém, com paciência e método, depois de analisar algumas dezenas de trabalhos, vão emergindo padrões, no modo como se escrevem as vidas: a organização da biografia em etapas cronológicas e institucionais, delimitadas por rituais específicos (capítulo 1); as referências tradicionais e as estratégias de adaptação a um modelo moderno de vida (capítulo 2); a primazia da casa e da família (capítulo 3); o insucesso escolar precoce (capítulo 4); a influência dos amigos e de certas instituições de socialização, como o exército, a igreja e o desporto (capítulo 5); a centralidade do trabalho, mesmo que frequentemente precário e/ou informal (capítulo 6); a origem rural e o movimento de (sub)urbanização (capítulo 7); e o desencanto com a política nacional (capítulo 8). Estas semelhanças não são “naturais”, pois diferem relativamente a outras classes sociais, outras regiões do mundo, outros tempos históricos.

Foram estes rasgos comuns que me permitiram estruturar o presente ensaio, explorando em simultâneo como a diversidade encontrada se pode compreender, segundo linhas centrais, por intermédio das quais se cosem as experiências e identidades contemporâneas, como o género, a geração, a profissão, o território, a orientação ideológica... Neste sentido, decidi parar ao final de cinquenta e três portefólios, uma vez que havia já identificado um conjunto de traços recorrentes que me permitiam estruturar e fundamentar a argumentação e que, agora, tinham tendência para se repetir entre narrativas, sinal de que estava a atingir certo “grau de saturação”, como diria Daniel Bertaux (1981), mestre do método biográfico. Foi então que comecei a escrever.

Ante o fascínio despertado por este material, é importante não cair em apropriações imediatistas, exercitando a vigilância epistemológica e metodológica, que nos permitem almejar um conhecimento científico.² A este propósito, convirá fazer desde já algumas ressalvas, fundamentais na orientação do projeto.

A interpretação científica implica olhar para estas histórias de vida, à semelhança de qualquer outro material empírico, por meio de certas *lentes teóricas*, e cruzando-as com os resultados de outros estudos. Convocando investigações em diversas áreas do social, a análise foi orientada pelo conceito de *socialização*, designando o processo através do qual os indivíduos, em conjunto, participam na vida social, incorporando códigos, disposições e representações, que facilitam essa participação. A compreensão deste fenómeno apoia-se em obras de referência de sociólogos brilhantes, como Norbert Elias, Berger e Luckmann ou Pierre Bourdieu, explorando novas propostas sobre o tema, em diálogo com outras disciplinas científicas, como a psicologia e as neurociências.³

A relação entre socialização e autobiografia está longe de ser unívoca, assumindo contornos dialéticos. Enquanto a história de vida permite compreender experiências, percursos e agentes centrais no processo de socialização dos indivíduos, por seu lado a forma de narrar a vida (inclusive a científica) depende, em grande medida, de processos de socialização, tanto aqueles que ocorrem a longo prazo e suportam o processo de

2 A nossa visão do conhecimento sociológico identifica-se, aqui, com a dos autores que têm discorrido sobre a necessária “rutura com o senso comum”, a “dupla função de comando da teoria” e a “análise de mecanismos estruturais”. Veja-se, a este propósito, Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1968), Almeida e Pinto (1986), Bourdieu (2001) e Danermark e outros (2002). Nesta pesquisa, privilegiámos o método biográfico, na esteira de autores como Bertaux (1981), Denzin (1989) ou Pujadas (1992). A discussão sobre o método biográfico e, mais precisamente, a sua utilização no estudo das autobiografias em processos de reconhecimento de competências, que fundamentou o presente projeto, encontra-se em Abrantes, Aníbal e Palioites (2010).

3 Para uma fundamentação teórica do conceito de socialização utilizado neste projeto, ver Abrantes (2011a).

formação da memória e da consciência, como aqueles que nos levam, num dado momento e com um fim particular, a contar a nossa vida.

Assim, as histórias de vida nunca são uma transposição direta e objetiva dos percursos e experiências de vida, mas sim uma reinterpretação subjetiva dos mesmos, sempre realizada por um autor, num contexto e com um intuito específicos. Como assinala Roberts (2002), mais do que armazenadas (*stored*), as memórias são contadas (*storied*). Constituem então formas sofisticadas de “apresentação do eu”, na conhecida expressão de Goffman (1959).

Neste caso, o contexto geral foi um programa inovador de educação de adultos e o desígnio comum foi o reconhecimento das competências, no sentido da elevação do nível de escolaridade, condições que permitiram o forte investimento no trabalho autobiográfico. Se o acompanhamento por parte de profissionais e a existência de um júri final contribuíram para que as narrativas fossem mais estruturadas, objetivas e aprofundadas, também não deixaram de inculir alguma contenção nos adultos e a vinculação a certos valores dominantes no programa (e no espaço público?). No entanto, a possibilidade de um reconhecimento das competências adquiridas na “escola da vida” não suscitou unicamente estratégias de “embelezamento” dos sujeitos; contribuiu efetivamente para a formação de disposições e representações do mundo e de si mesmos, funcionando como meio de legitimação, dignificação e reinscrição de segmentos desfavorecidos da população no espaço social e na história coletiva, o que, por sua vez, gerou resistências acérrimas daqueles que pretendem conservar a ordem e as hierarquias tradicionais, através da descredibilização permanente do programa até à sua suspensão.

Sob este enquadramento geral, vislumbram-se depois, em cada relato recolhido, contextos mais específicos e locais, como a instituição em que realizaram o trabalho, a inserção laboral, os profissionais que os apoiaram ou os familiares que

os acompanharam, bem como intenções mais pessoais que sustentaram este processo, como sejam: reatar percursos de formação, provar a familiares que se é capaz, reorientar a vida, dar um sentido à existência em momentos dramáticos de desemprego, de perda de entes queridos, de reforma...

Os contextos e propósitos em que se produz o trabalho autobiográfico não induzem, assim, a uma distorção da verdade; constituem, pelo contrário, uma condição da vida social, que se vai rescrevendo continuamente, à luz de circunstâncias e relações de forças particulares, que devem ser incluídas, elas próprias, na análise do material recolhido. O mesmo acontece, aliás, sempre que aplicamos questionários e entrevistas. Este afã por compreender os modos de produção dos discursos não deve, por seu turno, limitar-se ao contexto situacional em que as narrativas se (re)constroem, reconhecendo que a consciência autobiográfica — como mostra o neurocientista António Damásio (2010) — é constitutiva do ser humano e que esta se vai formando na interação com diferentes pessoas, contextos e instituições, ao longo da vida.⁴

Embora Franco Ferrarotti (1990) assinala que a História de um povo está inscrita na história de vida de cada um dos seus membros, a verdade é que as experiências e reflexões dependem dos contextos em que cada pessoa tem vivido e da posição que tem ocupado no espaço social. Não podemos tomar os participantes no processo de reconhecimento de competências como uma amostra representativa da população portuguesa, quando este abrangeu apenas pessoas com baixos níveis de escolaridade, pelas suas características e metodologias, apresentando alguns entraves à inclusão, por exemplo, de pessoas analfabetas. Buscamos então cruzar a

4 Os avanços recentes no campo das neurociências constituem um contributo fundamental para compreender os indivíduos e as sociedades, mesmo que subestimem, amiúde, a influência das condições sociais nos processos mentais e, em geral, na regulação da vida. Abre-se, então, um campo fascinante para a cooperação interdisciplinar.

análise das autobiografias com os resultados de outros estudos sobre a sociedade portuguesa e com levantamentos estatísticos recentes, como o European Social Survey 2010 e o Recenseamento da População 2011.

Em diálogo com estes dados quantitativos, as já referidas coincidências nas narrativas — marcadas não só por movimentos frequentes entre (certas) áreas de residência, ocupações e setores de atividade, ao longo da vida, mas também por limitações objetivas impostas à sua atividade produtiva pela ausência de propriedade, autoridade ou qualificações reconhecidas — animaram-me a agregá-las como biografia(s) da “classe trabalhadora”. Como assinala Firmino da Costa (2012), as classes sociais estão associadas não apenas a posições desiguais na estrutura socioprofissional, mas, sobretudo, a processos duradouros de socialização nesse espaço de relações de força.

Assim, noutras configurações sociais, por exemplo, seria mais adequado falar de uma “classe operária”, claramente distinta dos trabalhadores rurais ou dos empregados dos serviços. Contudo, no Portugal do final do século XX e início do XXI, o que resulta da nossa análise é que, dadas as profundas transformações que têm marcado a agricultura, a indústria e os serviços, uma grande parte da população pouco escolarizada circulou entre diversas ocupações nestes distintos setores de atividade ao longo da vida (e a maioria das famílias tem membros nestas diferentes categorias ocupacionais), partilhando, deste modo, um conjunto de condições, contextos, redes, representações e práticas que a distinguem dos empresários, dos dirigentes e dos profissionais altamente qualificados, sendo que o acesso a estes grupos se apresenta como implausível (mesmo que, em períodos curtos, tenham gerido pequenos negócios, ou tenham sido supervisores ou técnicos). Este tema é discutido ao longo do livro e sistematizado no último capítulo.

Dentro deste segmento, procurei construir uma amostra heterogénea, trabalhando com formadores de quatro centros locais, de características muito distintas: uma associação empresarial, no

centro de uma grande cidade (Lisboa); um centro de formação, num subúrbio industrial (Barreiro); uma escola secundária e uma associação de desenvolvimento local, em dois territórios heterogêneos, com segmentos agrícolas, fabris e de serviços (Torres Vedras e Entroncamento). Em cada local, recolhi trabalhos que se reportam quer ao ensino básico quer ao ensino secundário, de homens e mulheres com diferentes idades e inserções profissionais, de forma a captar a maior diversidade possível de registos, enriquecendo desta maneira o “retrato de conjunto”. Ainda que os percursos de vida recolhidos se alarguem do Minho até ao Algarve e pelos caminhos europeus e africanos da emigração e do retorno, sem dúvida que as limitações geográficas da amostra permitem um olhar mais aprofundado sobre as dinâmicas em Lisboa e Vale do Tejo, e mais periférico quanto às restantes regiões do país.

Face ao exposto, importa deixar uma nota final sobre a organização do livro. As histórias de vida vão-se intercalando com a análise social, como reflexo da dialética entre ambas que animou a pesquisa. Sem abdicar do rigor científico nos diferentes passos do projeto, na redação final do texto, impus-me alguma moderação no uso do jargão técnico que me formou, recorrendo a notas de rodapé para explicitar os fundamentos teóricos e metodológicos em que repousa a argumentação, para não desanimar os leitores que não fizeram um curso de ciências sociais, a larga maioria dos habitantes deste planeta. A paixão pela sociologia faz-me pensar que a disciplina tem muito a oferecer — ou, melhor, a devolver — à vida das pessoas, e assusta-me a visão de um corpo de especialistas a acumular conhecimento que só conseguem partilhar entre si, tornando-se, ao seu jeito, “excluídos do interior” e, nos casos bem-sucedidos, conselheiros do rei ou intelectuais críticos.

Na senda de autores que têm proposto, nos últimos anos, o desenvolvimento de uma sociologia pública — e, espero, sem o tom condescendente de alguns divulgadores da ciência —, a intenção foi narrar os resultados da pesquisa numa linguagem compreensível e apelativa para as pessoas que querem refletir

sobre si próprias e a sociedade em que vivem, assim como ensaiar novos modos de intervenção, tenham ou não estudado ciências sociais.⁵

Como dizia Octavio Paz, construir o futuro implica compreender e aceitar o passado.⁶ Apreciador das indagações sobre o caráter dos povos, a veia sociológica faz-me perseguir-lo nas condições objetivas da sua formação (a socialização), não em deambulações metafísicas ou em explorações genéticas, nem na sempre limitada experiência pessoal. E se a História é geralmente contada pelos vencedores, resgatar as representações da classe trabalhadora, na sua luta contra a pobreza e a desqualificação, afigura-se como caminho fértil para conhecer melhor as mutações do social e um gesto de reconhecimento, em favor de uma sociedade mais justa e democrática. Nas palavras lapidares de Milan Kundera, “a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”.

Jaime. Sete vidas, sete instrumentos

O pequeno Jaime passava os dias na horta familiar, ora ajudando a criar os animais, atento a como os adultos fazem as coisas, ora improvisando brincadeiras com os irmãos e os poucos utensílios à mão de semear. Passado meio século, lembra saudoso o pai, analfabeto, mas incansável, ajeitando-se a tudo o que seja necessário fazer: podar árvores, abrir poços, enxertar videiras, cavar vinhas ou trabalhar nos lagares de azeite. Um “engenhocas”, cuja morte súbita e

-
- 5 Esta corrente tem vindo a crescer, a nível internacional, muito impulsionada por Michael Burawoy (e. g. 2005), ex-presidente da Associação Americana de Sociologia e hoje presidente da Associação Internacional de Sociologia. Não corresponde a um conjunto específico de teorias ou métodos, mas principalmente a um compromisso do sociólogo em produzir um conhecimento que permita contribuir para a formação e o debate públicos, alimentando deste modo as práticas de cidadania e os processos democráticos.
- 6 Octavio Paz foi um ensaísta mexicano, que recebeu o prémio Nobel de Literatura, em 1990. Na sua obra mais conhecida (Paz, 1950), o autor produz uma visão original do México, a partir de uma interpretação crítica da sua história e de uma análise apurada de alguns rituais e expressões coletivas. Embora o seu registo, mais literário e filosófico, não corresponda aos cânones da investigação científica, não deixa de se inspirar em teorias da história, da sociologia, da antropologia e da psicanálise, fornecendo pistas brilhantes para o trabalho destas disciplinas.

prematura deixou marcas profundas. Foi-se “a trave mestra da família”, adoeceram a mãe e os irmãos, ficando o petiz ao cuidado de uma vizinha. A sua infância evaporou-se, a par do sonho de estudar mecânica. Tinha apenas nove anos. No entanto, as qualidades que elogio na pai ficaram inscritas na matriz da sua identidade.

Apesar do caminho pedregoso de quatro quilómetros diários, Jaime não faltava à escola e completou com êxito a quarta classe. Depois, trabalhou como pastor, recebendo uma malga diária de comida e cinco escudos ao final do mês. Tinha onze anos quando saiu da terra pela primeira vez. A mãe meteu-o no comboio rumo à longínqua capital, a oito horas de distância, em busca de uma amiga da família. Entre o temor e o fascínio, ia lendo entre dentes os nomes desconhecidos de estações e apeadeiros. A senhora Amélia deixou-o ao cuidado de um merceeiro, com a promessa de alojamento e comida, a troco da entrega, escadas acima, vielas abaixo, de pesadas sacas de víveres. Os companheiros deram ao novato os trabalhos mais duros, todavia, entre partidas e conselhos, introduziram-no à cidade, tão diferente do mundo conhecido que até lhe parecia que “o sol nascia do avesso”. Dormiam em camarata, numa pensão. Quando se apercebeu que as saudades da mãe estavam a consumir o rapaz, a sua protetora deu-lhe guarida e pediu ao marido que o incorporasse como aprendiz na padaria. A par das amizades com a filha do casal e com os companheiros, no seu novo ofício noturno, Jaime recorda bem as restrições do Estado Novo, pela voz da sua anfitriã, informante da PIDE nas horas vagas.

Um dia, pediu-lhe autorização para ir à festa da terra, onde se divertiu como gente grande. Nunca voltou. A mãe aceitou-o de regresso, mas com uma advertência: “não queres ir para a senhora Amélia, vais para as obras!”. Desdobrou-se então em biscates como servente na construção e ajudante numa padaria. Numa noite de amassar pão, discutiu com o patrão e saiu porta fora. Como não havia autocarros de madrugada, decidiu caminhar os dezoito quilómetros até casa e, ao alvorecer, avistou uma pedreira onde pediu trabalho. Foi subindo na hierarquia e, como era veloz, deram-lhe a função de colocar a dinamite e fugir para salvar a vida, enquanto os rochedos desabavam nas suas costas. Voltou ao mundo das padarias, numa cidade da região e, enfim, como responsável por confeccionar e distribuir o pão na sua aldeia.

Já nessa altura Jaime revelava um forte sentido dos seus direitos, filiando-se em segredo no sindicato e revoltando-se contra os abusos dos patrões, o que o levaria, na aurora da democracia, a pertencer a um partido de esquerda. Antes disso, os fortes fluxos migratórios, que se viviam nos anos 60, não o deixavam indiferente e, se a primeira

experiência deixara um amargo de boca, com dezoito anos sentia-se mais forte. Depois de gorada a tentativa de saltar a monte até França, voltou a percorrer por caminhos insólitos as oito horas que o separavam da metrópole, desta vez montado numa velha mota comprada a letrás, até à morada da qual o seu irmão enviava cartas, num subúrbio industrial, na outra margem do rio. Nos meses seguintes, aquele deu-lhe abrigo e levou-o para as obras: uma nova aventura, mais uma vez animada e protegida pelos laços familiares.

O pedido de “amparo da mãe” e a “Revolução dos Cravos” permitiram-lhe escapar a Angola por um triz. Cumpriu o serviço militar já no período pós-revolucionário, recordando com alegria a especialização como condutor e os trabalhos de construção de uma estrada na serra. Os militares foram então recebidos como heróis, numa aldeia miserável da serra algarvia, até porque o gerador que traziam iluminou, durante esses dias, a escola e o café.

De regresso à vida civil, casou-se com uma rapariga da terra e decidiu alugar uma casa na zona onde vivia o irmão, logo que um amigo o inscreveu numa fábrica local. A aprendizagem do ofício permitiu-lhe ascender depressa, alcançando o posto de soldador de primeira, contudo a crise da empresa ditou a sua renúncia, em resultado de salários em atraso. O magro rendimento da esposa como auxiliar num lar de terceira idade não permitia sustentar a família, que se alargara com o nascimento dos dois filhos. As artroses nas mãos por falta do equipamento indicado, essas, já ninguém lhas tirou.

Depois de uma experiência laboral em Israel, atraído por promessas douradas que não se cumpriram, mas onde se deixou fascinar por outros usos e costumes, voltou ao circuito incerto dos biscates locais, enquanto consolidava a sua participação na vida comunitária, ajudando os bombeiros e tornando-se sócio de várias associações. Em 1985, foi chamado pelo centro de emprego para um cargo de “polivalente” na Junta de Freguesia, onde posteriormente o incorporaram nos quadros de pessoal como encarregado operacional. Hoje, coordena uma equipa que zela pela iluminação e aprumo dos jardins, ruas e escolas, colocando os seus conhecimentos da escola da vida ao serviço do bem comum de uma terra que o tempo e a solidariedade operária fizeram sua.

Entretanto, a estabilidade laboral permitira-lhe, finalmente, comprar uma casa, com um quarto para cada filho, que foi equipando e remodelando, ao longo das últimas duas décadas. Se a cultura masculina de origem terá ditado o afastamento das lides domésticas, a idade e a nova sensibilidade têm-no aproximado da casa e da família, preparando uma velhice com qualidade de vida, em que concretize o sonho de infância: estudar mecânica. Pode dizer-se que a mulher, os filhos e a neta constituem o núcleo de uma vida coletiva (e

politizada), que se alarga pelas ruas do “seu” subúrbio, levando-o a lidar com uma diversidade cultural que não estava no seu *habitus*, mas que é marca dos tempos. Elogia o espírito de sacrifício da população chinesa, desconfia de ucranianos, brasileiros e ciganos, no entanto labora com todos. Legados do pai, a honestidade e o trabalho permanecem na matriz da sua identidade, sendo as condições que impõe para o reconhecimento dos outros.